



## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE**

### **I – REQUERIMENTO**

Elaborado pelo estabelecimento de ensino para o (a) Secretário(a) de Estado da Educação.

### **II – IDENTIFICAÇÃO DO ESTABELECIMENTO DE ENSINO**

Indicação do nome do estabelecimento de ensino, de acordo com a vida legal do estabelecimento (VLE).

### **III - PARECER E RESOLUÇÃO DO CREDENCIAMENTO DA INSTITUIÇÃO**

### **IV – JUSTIFICATIVA**

A estruturação Curricular do Curso Técnico em Guia de Turismo visa o aperfeiçoamento na concepção de uma formação técnica que articule trabalho, cultura, ciência e tecnologia como princípios que sintetizem todo o processo formativo.

O Curso Técnico em Guia de Turismo vem ao encontro da necessidade da formação do Técnico numa perspectiva de totalidade e constitui-se numa atividade com crescente exigência de qualificação.

A organização dos conhecimentos, no Curso Técnico em Guia de Turismo enfatiza o resgate da formação humana onde o aluno, como sujeito histórico, produz sua existência pelo enfrentamento consciente da realidade dada, produzindo valores de uso, conhecimentos e cultura por sua ação criativa.

De acordo com o Plano Nacional de Turismo – 2013 - 2016 a participação do turismo na economia brasileira já representa 3,7% do Produto Interno Bruto – PIB. De 2003 a 2009, o setor cresceu 32,4% enquanto a economia brasileira apresentou expansão de 24,6% (MTUR, 2012a). Para World Travel & Tourism Council – WTTC (2013a), no ano de 2011, cerca de



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

2,74 milhões de empregos diretos foram gerados pelo turismo e com estimativa de crescimento de 7,7% para o ano de 2012, totalizando 2,95 milhões de empregos. Estima ainda, que para o ano de 2022 o turismo seja responsável por 3,63 milhões de empregos. Estão incluídas como geradoras de empregos diretos as atividades relacionadas à hotelaria, agências de viagens, companhias aéreas, outros tipos de transportes de passageiros, restaurante e lazer.

Com um mercado mais aquecido a necessidade de qualificação dos profissionais da área fica mais evidente, visto que a concorrência demanda diferencial e qualidade nos serviços oferecidos.

Recentemente, em comemoração do Centenário do Turismo no Paraná (1916-2016) foi lançado o Masterplan – direcionamento estratégico Paraná Turístico 2026: Pacto para um destino inteligente. Como produto de um processo de construção conjunta e pactuada entre o poder público, iniciativa privada e a sociedade civil do Estado e das regiões turísticas, esse documento segue a Política de Turismo do Paraná (Lei nº 15.973/2008), constituindo-se em um instrumento estratégico direcionador de esforços em longo prazo, com uma visão de futuro desafiadora, objetivos e metas a serem atingidos, a partir de uma gestão voltada para promover uma mudança no turismo paranaense, no horizonte temporal de 2016 a 2026, que zele pela sua aplicação prática baseada nos princípios da sustentabilidade, no alinhamento institucional, em orçamentos adequados, em comunicação interna e externa eficazes, e, sobretudo no uso racional do nosso patrimônio, estabelecendo um verdadeiro Pacto para construir um destino turístico inteligente. Entre os eixos estratégicos do Plano está o de qualidade e competitividade que trata da qualificação dos profissionais do setor e os cursos técnicos e de capacitação no segmento do turismo devem ser contemplados com atenção do Estado do Paraná.

Em 2014, o Paraná foi o quarto Estado<sup>1</sup> da federação que mais recebeu turistas e quem recebe estes são os guias de turismo. Oferecer curso Técnico

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/2015/08/1522/Parana-aumenta-oferta-de-empregos-no-Turismo.html>. Acesso em 17/11/2017.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

em Guia de Turismo de qualidade em escola pública nas regiões turísticas do Paraná, além de atender uma demanda crescente de mercado, atende a questão da inclusão social através de geração de emprego e renda.

### V – OBJETIVOS

- a) Organizar experiências pedagógicas que possibilitem a formação de jovens e adultos no nível Técnico, visando a aquisição dos conhecimentos científicos, tecnológicos e sócio-históricos que permitam sua inserção no mundo do trabalho.
- b) Oferecer um processo formativo que assegure a integração entre a formação geral e a de caráter profissional na área do Turismo com capacidade crítica sobre as relações contraditórias presentes na vida social e produtiva e das práticas e valores que perpassam essa área.
- c) Organizar experiências pedagógicas que articulem conhecimentos científicos e tecnológicos das áreas naturais e sociais, estabelecendo uma abordagem integrada das experiências educativas.
- d) Oferecer um conjunto de experiências teóricas e práticas na área com a finalidade de consolidar o “saber fazer”, com a compreensão dos fundamentos que regem as práticas específicas.
- e) Desenvolver o processo formativo de forma a destacar em todos os procedimentos educativos a importância da conservação dos recursos e do equilíbrio ambiental e da conservação e valorização do patrimônio histórico, artístico e cultural.
- f) Propiciar conhecimentos teóricos e práticos amplos para o desenvolvimento da capacidade de análise crítica, de orientação e execução de trabalho de guia de turismo de forma a contribuir com a qualificação dos serviços nas modalidades de oferta;
- g) Formar profissionais críticos, reflexivos, éticos, capazes de participar e promover a transformação no seu campo de trabalho, na sua comunidade e na sociedade na qual está inserido.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### VI – DADOS GERAIS DO CURSO

**Habilitação Profissional:** Técnico em Guia de Turismo

**Eixo tecnológico:** Turismo, Hospitalidade e Lazer

**Forma:** Subsequente

**Carga Horária Total do Curso:** 1040 horas

**Regime de funcionamento:** de 2<sup>a</sup> a 6<sup>a</sup> feira, no(s) período(s): manhã, tarde ou noite

**Regime de Matrícula:** Semestral

**Número de Vagas:** por turma. (Conforme m<sup>2</sup> - mínimo 30 ou 40)

**Período de Integralização do Curso:** mínimo 02 (dois) semestres letivos e máximo 10 (dez) semestres letivos

**Requisitos de Acesso:** Conclusão do Ensino Médio

**Modalidade de Oferta:** Presencial

### VII - PERFIL PROFISSIONAL DE CONCLUSÃO DE CURSO

O Técnico em Guia de Turismo domina conteúdos e processos relevantes do conhecimento científico, tecnológico, social e cultural utilizando suas diferentes linguagens, o que lhe confere autonomia intelectual e moral para acompanhar a atividade turística, orientado por valores da convivência democrática e pela defesa e respeito ao patrimônio artístico, cultural e ambiental. Conduz e assiste pessoas ou grupos em traslados, passeios, visitas e viagens. Informa os visitantes sobre aspectos socioculturais, históricos, ambientais e geográficos. Traduz o patrimônio material e imaterial de uma região para visitantes. Estrutura e apresenta roteiros e itinerários turísticos de acordo com interesses, expectativas ou necessidades específicas.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### VIII - ORGANIZAÇÃO CURRICULAR CONTENDO AS INFORMAÇÕES RELATIVAS À ESTRUTURA DO CURSO:

#### 1. ARTE E CULTURA POPULAR

**Carga horária: 48 horas**

**EMENTA:** Estudo movimentos e períodos, gêneros, estilos e correntes artísticas presentes nas manifestações e produções culturais e artísticas do Estado do Paraná.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p><b>1. Movimentos e Períodos Artísticos</b></p>	<p>1.1. Música e dança contemporânea no Paraná 1.2. Museus e seus acervos 1.3. Arte, cultura, cultura popular, cultura de massa, massificação cultural 1.4. Arte nas localidades/região/estado – pintura, escultura, arquitetura, música, literatura; bens locais, preservação, museus, teatros e outros acervos 1.5. Artistas paranaenses (pintores, escultores, gravuristas) 1.6. Folclore e o turismo na localidade/região, festas, artesanato, culinária, dança e música, lendas e causos; a cultura popular como atrativo turístico 1.7. História do teatro no Paraná 1.8. Importância da arte para o turismo 1.9. Manifestações culturais paranaenses artesanato, folclore e literatura</p>

#### BIBLIOGRAFIA

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro; BARRETO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.

BEUTTENMÜLLER, Alberto. **Viagem pela arte brasileira**. São Paulo: Aquariana, 2002.

CAMARGO. Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CASCUDO, Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. vol. 1. 9. ed. São Paulo: Global, 2003.

CASCUDO, Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. vol. 2. 9. ed. São Paulo: Global, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo. **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

GASTAL, Susana. Turismo, **Imagens e imaginários**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2005.

LEAL, Maria Leonor de M. S. **História da gastronomia**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Arte**. 2008.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Ática. 2006.

## 2. EMPREENDEDORISMO

**Carga horária: 32 horas**

**EMENTA:** Estudo das características do empreendedorismo. Apropriação de técnicas inovadoras que identificam oportunidades de empreendimentos. Estabelecimento de relações técnicas de estudo para viabilidade de roteiros. Compreensão de planos de negócio na área do turismo.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Empreendedorismo	1.1. Empreendedorismo, o perfil empreendedor e intraempreendedor
	2.1. Conhecimento para empreender 2.2. Inovação e criatividade 2.3. Técnicas de identificação e aproveitamento de oportunidades

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

<b>3. Viabilidade</b>	3.1 Técnica de estudo de viabilidade de roteiros
<b>4. Plano de Negócios</b>	4.1. Plano de negócios para implantação de produtos turísticos 4.2. Abertura de Empresas 4.3. Elementos básicos de Marketing 4.4. Elementos básicos de Gestão de Pessoas 4.5. Elementos básicos de Finanças 4.6. Básico em Estrutura Organizacional

### BIBLIOGRAFIA

HISRICH, R. D. **Empreendedorismo**. Trad. Lene Belon Ribeiro. 5ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo** - transformando ideias em negócios. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MORAIS, Carmem. **Atitudes de empreendedores**: os surpreendentes segredos dos empreendedores. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.

CAVASSA, Cesar Ramirez. **Gestão Administrativa para empresas turísticas**. México: Trillas, 1998.

TYLER, Duncan; GUERRIER, Yvonne; ROBERTSON, Martin (orgs.). **Gestão de Turismo Municipal**: Teoria e Prática de Planejamento Turístico nos Centros Urbanos. São Paulo: Futura, 2001.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luísa**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

WAHAB, S. **Introdução à administração do Turismo**. São Paulo: Pioneira, 2000.

SPENCER JOHNSON, M. D. **Quem mexeu no meu queijo?** Rio de Janeiro: Record, 2003.

### 3. ESPANHOL INSTRUMENTAL

**Carga horária: 96 horas**

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

**EMENTA:** Uso do discurso enquanto prática social do turismo. Estudo das diferentes práticas discursivas (oralidade, leitura e escrita) aplicadas ao dia a dia do Guia de Turismo, possibilitando a comunicação com o uso adequado de vocabulário básico para uma boa interação.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1. Discurso enquanto prática social</b>	1.1 Conhecimentos gerais relacionados à fonética e fonologia do espanhol 1.2 Vocabulário básico 1.3 Técnicas de leitura 1.4 Diferentes gêneros textuais: folders, manuais, guias, roteiros, cardápios, entre outros da área de turismo 1.5 Termos técnicos de relacionado ao turismo 1.6 Aspectos linguísticos e culturais dos diversos países hispanófonos 1.7 Análise linguística

### BIBLIOGRAFIA

BERLITZ, Charles. **Español passo a passo**. Editora Fontes, {s/d}, 2012.

BLASCO, CECILIA. **Fale Tudo Em Espanhol Em Viagens!** 1ª edição. São Paulo: Disal, 2009.

FANJUL, Adrian. **Gramática y práctica de español – para brasileños**. São Paulo: Editora Moderna, 2014.

KINDERSLEY, Dorling. **Espanhol: guia de conversação para viagens**. 7ª Ed. São Paulo: Editora Publifolha, 2015.

MARTIN. Ivan. **Síntesis: curso de lengua española**. São Paulo: Ática, 2011.

MARTINEZ, RON; ARIAS, Sandra di Lullo. **Como Dizer Tudo em Espanhol: Fale A Coisa Certa Em Qualquer Situação**. 1ª edição. São Paulo: Campus, 2001.

MILANI, Esther Maria. **Gramática de espanhol para brasileiros**. 3ª ed. São Paulo: Saraiva, 2006.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

PRADA, Marisa de. PILAR, Marce. **Entorno laboral.** {s/d}, Ed. Edelsa, 2013.

SHOSHANA, Blum-Kulka. **Pragmática del discurso, en: Teun Van Dijk (ed.) el discurso como interacción social.** Estudios sobre el discurso II, Barcelona: Gedisa, 2000.

VALVERDE, Jenny. Et. al. **Español para jóvenes brasileños.** São Paulo: Macmillan, 2013.

### 4. FUNDAMENTOS DO TRABALHO

**Carga horária: 32 horas**

**EMENTA:** Estudo do trabalho humano nas perspectivas ontológica e histórica. Compreensão do trabalho como mercadoria no industrialismo e na dinâmica capitalista. Reflexão sobre tecnologia e globalização diante das transformações no mundo do trabalho. Análise sobre a inclusão do trabalhador no mundo do trabalho.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1. Trabalho Humano</b>	1.1. Ser social, mundo do trabalho e sociedade 1.2. Trabalho nas diferentes sociedades 1.3. Transformações no mundo do trabalho 1.4. Homem, Trabalho e Meio Ambiente 1.5. Processo de alienação do trabalho em Marx 1.6. Emprego, desemprego e subemprego
<b>2. Tecnologia e Globalização</b>	2.1. Processo de globalização e seu impacto no mundo do trabalho. 2.2. Impacto das novas tecnologias produtivas e organizacionais no mundo do trabalho 2.3. Qualificação do trabalho e do trabalhador
	3.1. Inclusão do trabalhador na nova dinâmica do trabalho



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

3. Mundo do Trabalho	3.2. Inclusão dos diferentes – necessidades especiais e diversidade
----------------------	---

### BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensino sobre a afirmação e a negação do trabalho. 7. reimp. São Paulo: Boitempo, 2005.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. São Paulo: Moderna, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**: introdução, organização e seleção. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHESNAIS, François. **Mundialização do capital**. Petrópolis: Vozes, 1997.

DURKHEIM, Emilé. **Educação e sociologia**. Trad. Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

ENGELS, Friedrich. **Dialética da natureza**. São Paulo: Alba, [s/d]

FERNANDES, Florestan. **Fundamentos da explicação sociológica**. 4. ed. Rio de Janeiro: T. A Queiroz, 1980.

FERRETTI, Celso João. et al. (orgs). **Tecnologias, trabalho e educação**: um debate multidisciplinar. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. (orgs) **Ensino médio integrado**: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.

FROMM, Erich. **Conceito marxista de homem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

GENRO, Tarso. **O futuro por armar**: democracia e socialismo na era globalitária: Petrópolis: Vozes, 2000.

GENTILI, Pablo. A educação para o desemprego. A desintegração da promessa integradora. In. Frigotto, Gaudêncio. (Org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. trad. Carlos Nelson Coutinho. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2006.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX - 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1995.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

JAMESON, Fredric. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre a globalização. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.

KUENZER, Acácia Zeneida. A exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. In; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval;

SANFELICE, José Luís. (orgs). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

LUKÁCS, Giörgy. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. In: Temas de ciências humanas. São Paulo: Livraria Ciências Humanas, [s.n], 1978. vol. 4.

MARTIN, Hans Peter; SCHUMANN, Harald. **A armadilha da globalização**: O assalto à democracia e ao bem-estar. 6. ed. São Paulo: Globo, 1999.

MARX, Karl. **O capital**. Trad. Regis Barbosa e Flávio R. Kothe, São Paulo: Abril Cultural, 1988. vol. I.

NEVES, Lúcia Maria Wanderley. **Brasil 2000**: nova divisão do trabalho na educação. São Paulo: Xamã, 2000.

NOSELLA, Paolo. **Trabalho e educação**. In: FRIGOTTO, G. (org.) **Trabalho e conhecimento**: dilemas na educação do trabalhador. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SANFELICE, José Luís (org.). **Capitalismo, trabalho e educação**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

## 5. FUNDAMENTOS DO TURISMO E DA HOSPITALIDADE

**Carga horária: 64 horas**

**EMENTA:** Estudo do turismo e do lazer com análise da evolução histórica e sua caracterização no Brasil, principais definições e terminologias do turismo e dos turistas. Estudo do mercado turístico e sua segmentação. Levantamento dos serviços, dos produtos, e dos impactos do turismo e a sustentabilidade. Estudo do planejamento e da cadeia produtiva do turismo. Caracterização do profissional do turismo e dos cenários turísticos.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1. Fundamentos do turismo e do lazer</b>	1.1. Setor de serviços 1.2. Antecedentes históricos do lazer e do turismo 1.3. Turismo no percurso do tempo 1.4. Principais definições do turismo e do lazer 1.5. Terminologia turística 1.6. Hospitalidade 1.7. Turista e seu perfil 1.8. Segmentação de mercado 1.9. Motivações das viagens 1.10. Turismo no Brasil e no mundo
<b>2. Mercado do turismo</b>	2.1. Mercado turístico 2.2. Oferta turística 2.3. Demanda turística 2.4. O profissional do turismo 2.5. Impactos do turismo 2.6. Turismo sustentável 2.7. Planejamento do turismo 2.8. Cadeia produtiva do turismo 2.9. Políticas públicas do turismo 2.10. Cenários do Turismo e do Lazer no século XXI

### BIBLIOGRAFIA

BARRETTO, Margarita. **Planejamento e organização em turismo**. Campinas: Papirus, 2001.

DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo – Política e desenvolvimento do Turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2003.

GONÇALVES, Maria Helena B. **Introdução a turismo e hotelaria**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 1998.

HOLLANDA, Janir. **Turismo: operação e agenciamento**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2003.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**. 3. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2001.

LAGE, Beatriz H. G; MILONE, Paulo C. **Turismo na economia**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

LEMOS, Leandro. **Turismo: que negócio é esse?** Campinas: Papirus, 2001.

MAMEDE, Gladston. **Direito do consumidor no turismo**. São Paulo: Atlas, 2004.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

MEDLIK, A. Lockwood, S. **Turismo e hospitalidade no século XXI**. Barueri Manole, 2005.

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico: promovendo uma atividade sazonal**. São Paulo: Atlas, 2001.

OCTÁVIO, Luiz. **Hospitalidade**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2004.

PELIZZER, Hilario Angelo. **Turismo de negócios**. São Paulo: Thompson Pioneira, 2005.

WALKER, John R. **Introdução à Hospitalidade**. Barueri: Manole, 2006.

### 6. GEOGRAFIA TURÍSTICA

**Carga horária: 48 horas**

**EMENTA:** Estudo da Geografia no Estado do Paraná na compreensão do Turista.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Geografia do Estado do Paraná	1.1. Geografia e suas divisões 1.2. Espaço geográfico e espaço turístico 1.3. Caracterização das paisagens do Paraná 1.4. Localização dos roteiros e atrativos 1.5. Geografia física do Paraná 1.6. Geografia Humana do Paraná 1.7. Situações das localidades Paranaense 1.8. Desenvolvimento econômico paranaense relacionado ao Turismo 1.9. Vias de acesso

### BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, R. D. de. **Do desenho ao mapa**. São Paulo: Contexto, 2003.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

ALMEIDA, R.; PASSINI, E. **O espaço geográfico, ensino e representação**. São Paulo: Contexto, 1991.

CAMARGO, J. B. **Geografia física, humana e econômica do Paraná**. 3.ed. Maringá: Boaventura, 1999.

CARVALHO, Marcia Siqueira de (Org.); FRESCA, T. M. (Org.) . **Geografia e norte do Paraná: um resgate histórico**. Volume 1. ed. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

CIGOLINI, A.; MELLO, L.; LOPES, N. **Geografia do Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FRESCA, T. M. (Org.); CARVALHO, Marcia Siqueira de (Org.). **Geografia e norte do Paraná: um resgate histórico**. Londrina: Edições Humanidades, 2007.

LIMA, R. E. **Meio ambiente e desenvolvimento no litoral do Paraná**. Curitiba: UFPR, 1998.

MAACK, R. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Geografia e turismo: notas preliminares**. São Paulo: DG-USP, 1992.

## 7. INFORMÁTICA

**Carga horária: 32 horas**

**EMENTA:** Estudo do histórico e da evolução da Informática. Compreensão da arquitetura dos computadores. Estabelecimento de relações entre sistemas computadorizados e operacionais. Utilização de aplicativos de escritório e da internet. Aplicação das ferramentas de sistemas operacionais. Conhecimento dos mecanismos de segurança para a internet.

CONTEÚDO(S) ESTRUTURANTE(S)	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Informática	1.1. Breve histórico da criação e evolução dos computadores e tecnologias de informação

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

<p><b>2. Arquitetura dos computadores</b></p>	<p>2.1. Hardware 2.2. Periféricos de entrada 2.3. Periféricos de saída 2.4. Periféricos de entrada e saída 2.5. Gabinete</p>
<p><b>3. Sistemas computadorizados e operacionais</b></p>	<p>3.1. Softwares livres e proprietários 3.2. Sistemas operacionais 3.3. Software de proteção do computador 3.4. Ferramentas de backup e restauração de backup 3.5. Ferramentas de limpeza de disco 3.6. Gerenciamento de arquivos e pastas. 3.7. Arquivos e tipos de arquivos 3.8. Pastas: criação e organização</p>
<p><b>4. Aplicativos de escritório</b></p>	<p>4.1. Processadores de texto 4.2. Formatação (normas da ABNT) 4.3. Tabelas 4.4. Mala direta 4.5. Etiquetas 4.6. Organogramas 4.7. Documentos técnicos 4.8. Planilhas eletrônicas: formatação, fórmulas, funções e gráficos 4.9. Aplicativos de apresentação: formatação 4.10. Inserção de mídias externas 4.11. Ferramentas de animação 4.12. Edição de imagem 4.13. Edição de áudios 4.14. Edição de vídeos 4.15. Programas específicos do curso</p>
<p><b>5. Internet</b></p>	<p>5.1. Serviços de internet 5.2. Utilização de e-mail 5.3. Comércio eletrônico 5.4. Pesquisas na Internet 5.5. Internet, intranet e extranet 5.6. Webconferência 5.7. Segurança na internet 5.8. Proteção de dados 5.9. Cybercrimes</p>

### BIBLIOGRAFIA



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CAPRON, H. L., JOHNSON, J.A.; **Introdução à informática**. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2004.

CORNACHIONE JR, E. B. **Informática aplicada às áreas de contabilidade, administração e economia**. São Paulo: Atlas, 2001.

FÁVERO, E. de B. **Organização e arquitetura de computadores**. Pato Branco: Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2011.

MARILYN M.; ROBERTA B. & PFAFFENBERGER, B. **Nosso futuro e o computador**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2000.

**Microsoft Office System 2007 - passo a passo**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

NORTON, PETER, **Introdução à informática**. São Paulo: Editora Makron Books, 1997.

SANTOS, A. de A. **Informática na empresa**. São Paulo: Atlas, 2003.

SCHECHTER, R. **BROFFICE.ORG 2.0 - CALC E WRITER**. Rio de Janeiro: Editora Campus Elsevier, 2006.

TANENBAUM A. **Sistemas operacionais modernos**. 3 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

WHITE, R., **Como funciona o computador**. 8. ed. São Paulo: Editora QUARK, 1998.

C3SL, **Linux Educacional versão 5.0**. Disponível em: <<http://linuxeducacional.c3sl.ufpr.br>>.

## 8. INGLÊS TÉCNICO

**Carga horária: 144 horas**

**EMENTA:** Uso do discurso enquanto prática social no mundo do trabalho. Estudo das práticas discursivas (oralidade, leitura e escrita) e análise linguística aplicada à área de Turismo.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p><b>1. Discurso como prática social</b></p>	<p>1.1 Gêneros discursivos diversificados nas esferas sociais de circulação relacionados à Turismo, por meio das práticas de oralidade, leitura e escrita.</p> <p>1.2 Fonética e fonologia de Inglês: conhecimentos gerais</p> <p>1.3 Diferenças léxicas, sintáticas e discursivas que caracterizam a fala formal</p> <p>1.4 Linguagem oral em situações de comunicação: adequação</p> <p>1.5 Idioma instrumental: Vocabulário técnico relacionado ao curso, pronúncia, tradução, elaboração de textos e preenchimento de documentação</p> <p>1.6 Expressões inglesas utilizadas sem tradução na área do curso</p> <p>1.7. Acrônimos</p> <p>1.8. <i>Skimming e Scanning</i></p> <p>1.9. Uso de pronomes e verbos como definição</p> <p>1.10. Uso de imperativo, numerais e palavras de sequência em instruções</p> <p>1.11. Diversidade cultural</p> <p>1.12. Conhecimentos linguísticos, análises e variedades linguísticas</p> <p>1.13. Elementos coesivos e marcadores do discurso</p> <p>1.14. Gêneros textuais: manuais, guias, roteiros, folders, cardápios, receitas; pronúncia, tradução; textos publicitários.</p> <p>1.15. Descrição das funções relacionados à área do turismo.</p>

### BIBLIOGRAFIA

AMOS, Eduardo; PRESCHER, Elizabeth; PASQUALIN, Ernesto. **Sun:** Inglês para o Ensino Médio 1. 2. ed . Rischmond: 2004.

\_\_\_\_\_. **Sun:** Inglês para o ensino médio 2. 2. ed. Rischmond, 2004.

\_\_\_\_\_. **Sun:** Inglês para o ensino médio 3. 2. ed. Rischmond, 2004.

MURPHY, Raymond - **Essential Grammar in Use.** Cambridge: Cambridge University Press, 1997.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

MURPHY, RAYMOND. Essensial Grammar in use. **Gramática básica da língua inglesa**. Cambridge: Editora Martins fontes. 2015.

MURPHY, RAYMOND. **English grammar in Use 3**. ed. Ed. Cambridge University (Brasil). 2015

MURPHY, Raymond & ALTMANN, Roan - **Grammar in Use (Intermediate)**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

MARTINEZ, Ron. **Como dizer tudo em inglês: fale a coisa certa em qualquer situação**. Rio

BIAGGI, Enaura T. Kriek de; STAVALE, Emeri de Biaggi. **Enjoy Your Stay: Inglês para Hotelaria e Turismo**. Editora Disal, 2004.

CRUZ, Décio Torres. **Inglês para Turismo e Hotelaria**. Editora Disal, 2005.

FIGUEIREDO, Luciane Cassela de; SILVEIRA, Marilia de Figueiredo. **English for Travelers: inglês para quem viaja**. 6.ed. São Paulo: Ática, 2006.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **English for Tourism Students**. Roca - Brasil, 2001.

STAVALE, Emeri de Biaggi. **Easy Way - Glossário de turismo: Português/Inglês**. Disal Editora, 2004.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes curriculares da educação básica**. Curitiba, 2008.

ZAMARIN, Laura; MASCHERPE, Mario. **Os falsos cognatos**. 7. ed. Bertrand Brasil: 2000.

### 9. LEGISLAÇÃO APLICADA AO TURISMO

**Carga horária: 32 horas**

**EMENTA:** Compreensão das diversas leis ligadas à prática do turismo e à organização legal da atividade no Brasil com vistas a balizar juridicamente a prática do guia de turismo.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1. Direito do Turismo</b>	1.1. Fundamentos teóricos e conceituais do Direito do Turismo
<b>2. Turismo e a constituição brasileira e legislação turística</b>	2.1. Turismo na Constituição Brasileira 2.2. Regime Jurídico e a legislação aplicada aos serviços turísticos no Brasil 2.3. Proteção ao turista e a responsabilidade civil
<b>3. Código de Defesa do consumidor</b>	3.1. Código de Defesa do Consumidor aplicado ao turismo
<b>4. Normas do estrangeiro no turismo</b>	4.1. Normas turísticas internacionais e a noção de normas alfandegárias
<b>5. Patrimônio cultural e direito ambiental</b>	5.1. Roteiros turísticos e a legislação de proteção ao patrimônio público cultural, natural/ambiental 5.2. Direito ambiental

### BIBLIOGRAFIA

MAMEDE, Gladston. **Direito do consumidor no turismo**. São Paulo: Atlas, 2004.

MARTINS, F. **Curso de direito comercial**. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

NADER, P. **Introdução ao estudo do direito**. Rio de Janeiro: Saraiva, 2005.

PINTO, A. C. **Constituição da república federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva, 2005.

RECHSTEINER, B. W. **Direito internacional privado**. São Paulo: Saraiva, 2004.

BONAVIDES, P. **Curso de direito constitucional**. São Paulo: Malheiros, 2004.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

BRASIL. **Código de proteção e defesa do consumidor e legislação correlata.** Brasília: Senado Federal, 2003.

NETO, M. D. **Manual de direito aplicado ao consumidor.** São Paulo: Papirus, 2004.

NEGRÃO, T. **Código civil e legislação civil em vigor.** São Paulo: Saraiva, 2007.

PINTO, A. C. **Turismo e meio ambiente.** São Paulo: Papirus, 2004.

### 10. PATRIMÔNIO TURÍSTICO PARANAENSE

**Carga horária: 144 horas**

**EMENTA:** Caracterização e apresentação do Patrimônio Histórico, Social, Econômico e Cultural do Turismo Paranaense. Estabelecimento de relações entre patrimônio e turismo. Estudo do patrimônio turístico em relação às tipicidades regionais da região litorânea e primeiro planalto, segundo planalto e terceiro planalto.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<p><b>1. Patrimônio Histórico, Social, Econômico e Cultural do Turismo Paranaense</b></p>	<p>1.1 Aspectos históricos das regiões turísticas do Paraná 1.2 Características sociais, econômicas, políticas e históricas do patrimônio paranaense 1.3 Patrimônio e patrimônio turístico :conceituação 1.4 Gastronomia e a influência pela colonização. 1.5 Imigração, etnias e população do Paraná 1.6 Patrimônio material e imaterial</p>
<p><b>2. Patrimônio turístico do primeiro planalto e região litorânea</b></p>	<p>2.1 Características sociais, econômicas, políticas e históricas 2.2 Colonização influenciando a formação dos atrativos histórico culturais da região 2.3 Formação do povoamento e da</p>

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

	<p>sociedade</p> <p>2.4 Perspectivas da região, crescimento da atividade turística</p> <p>2.5. Atrativos naturais e artificiais</p> <p>2.6. Roteiros turísticos</p>
<p><b>3. Patrimônio turístico do segundo planalto</b></p>	<p>3.1. Atrativos naturais e artificiais.</p> <p>3.2. Características sociais, econômicas, políticas e históricas</p> <p>3.3. Colonização influenciando a formação dos atrativos histórico culturais da região</p> <p>3.4. Formação do povoamento e da sociedade</p> <p>3.5. Perspectivas da região, crescimento da atividade turística.</p> <p>3.6. Roteiros turísticos</p>
<p><b>4. Patrimônio turístico do terceiro planalto</b></p>	<p>4.1. Atrativos naturais e artificiais</p> <p>4.2. Características sociais, econômicas, políticas e históricas</p> <p>4.3. Colonização influenciando a formação dos atrativos histórico culturais da região</p> <p>4.4. Formação do povoamento e da sociedade</p> <p>4.5. Perspectivas da região, crescimento da atividade turística</p> <p>4.6. Roteiros turísticos</p>

### BIBLIOGRAFIA

CAMARGO. Haroldo Leitão. **Patrimônio histórico e cultural**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus municípios**. Maringá: Memória Brasileira, 1996.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

NADALIN, S. O. **Paraná: ocupação do território, população e migrações**. Curitiba: SEED, 2001.

TREVISAN, Edilberto. **O centro histórico de Curitiba: sua formação – tentativa de localização de seus moradores 1668-1853**. Curitiba: Ed. Do Chain, 2006.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### 11. PRIMEIROS SOCORROS

**Carga horária: 32 horas**

**EMENTA:** Estudo das técnicas de primeiros socorros para atendimento de socorro a pessoas feridas em acidentes ou vítimas de mal súbito nas atividades turísticas.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
<b>1. Técnicas de Primeiros Socorros</b>	1.1 Procedimentos legais 1.2 Sinais vitais 1.3 Animais peçonhentos 1.4 Queimaduras 1.5 Fraturas e Câimbras 1.6 Choques 1.7 Corpos Estranhos 1.8 Alergias 1.9 Caixas de primeiros socorros

### BIBLIOGRAFIA

FERNANDES, Almeida; SILVA, Ana Karla da. **Tecnologia de prevenção e primeiros socorros ao trabalhador acidentado**. Goiânia: AB Editora, 2007.

NORO, João J. **Manual de primeiros socorros: como proceder nas emergências em casa, no trabalho e no lazer**. São Paulo: Ática, 1996.

SILVEIRA, José Marcio da Silva. **Primeiros socorros: como agir em situações de emergência**. São Paulo: SENAC, 2008.

### 12. PRINCÍPIOS DE ECOLOGIA E PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE

**Carga horária: 48 horas**

**EMENTA:** Estudo dos princípios e fundamentos teóricos de Ecologia e Educação Ambiental, assim como conscientização e conhecimentos da legislação.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Ecologia e Educação Ambiental	1.1 Educação Ambiental 1.2 Ecossistemas Brasileiros 1.3 Unidades de conservação 1.4 Aquíferos brasileiros 1.5 Legislação Ambiental 1.6 Recursos naturais estaduais 1.7 Sustentabilidade e impactos sociais do turismo relacionados com a comunidade: princípios da sustentabilidade: pilares, princípios ambientais, 3R, consumo consciente, 5S

### BIBLIOGRAFIA

COSTA, Patrícia Côrtes. **Unidades de conservação**: matéria prima do ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002.

FILHO, Américo Pellegrini. **Dicionário enciclopédico de ecologia e turismo**. 1. ed. Barueri: Manole, 2000.

RUSCHMANN, Doris. **Turismo e planejamento sustentável** – a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 1997.

### 13. RELAÇÕES INTERPESSOAIS

**Carga horária: 48 horas**

**EMENTA:** Estudo das relações interpessoais no desenvolvimento de habilidades para a comunicação e trabalho em equipe.

CONTEÚDOS ESTRUTURANTES	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Relações Interpessoais	1.1. Comportamento 1.2. Postura 1.3. Vestuário 1.4. Apresentação Pessoal

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

	<p>1.5. Estratégias de negociação e mediação de conflitos</p> <p>1.6. Respeito aos visitantes prestadores de serviços e comunidades visitadas</p> <p>1.7. Empatia com visitantes, prestadores de serviços e comunidades visitada</p>
--	--

### BIBLIOGRAFIA

CRIVELARO, Rafael; TAKAMORI, Jorge Yukio. **Dinâmica das relações interpessoais**. 1. ed. Nova Campinas: Alínea, 2005.

DEL PRETTE, Zilda A. Pereira; DEL PRETTE, Almir. **Psicologia das Relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2000.

### 14. TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO

**Carga horária: 48 horas**

**EMENTA:** Estudo dos componentes básicos para uma comunicação de qualidade, busca de compreensão das técnicas de produções de textos, desenvolvimento da capacidade de expressão oral e escrita, assim como a interpretação de textos de gêneros diversos.

CONTEÚDO ESTRUTURANTE	CONTEÚDOS BÁSICOS
1. Discurso como prática social	<p>1.1. Aspectos gramaticais indispensáveis ao bom desempenho linguístico</p> <p>1.2. Norma e sua utilização pelo comunicador</p> <p>1.3. Linguagem oral e escrita/linguagem coloquial e linguagem formal</p>



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

	<ul style="list-style-type: none"><li>1.4. Funções do texto</li><li>1.5. Coerência e coesão do texto</li><li>1.6. Gêneros textuais: tabelas, manuais, guias, folders, cronogramas, banners, roteiros, itinerários.</li><li>1.7. Produção de textos</li><li>1.8. Análise linguística</li><li>1.9. Redação técnica</li></ul>
--	--

### BIBLIOGRAFIA

BLIKSTEIN, IZIDORO. **Como falar em público**: técnicas de comunicação para apresentações. 1. ed. São Paulo: Alínea, 2006.

NOBREGA, Maria Helena da. **Estratégias de comunicação em grupo**: como se apresentar em eventos empresariais e acadêmicos. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

OMT. **Sinais e símbolos turísticos**: guia ilustrado e descritivo. São Paulo: Roca, 2003.

SALVADOR, Arlete. **Para escrever bem no trabalho do whatsapp ao relatório**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

### 15. Teoria e Técnica Profissional

**Carga horária: 192 horas**

**EMENTA:** Estudo da profissão de Guia de Turismo: regulamentação, caracterização, funções e atribuições do Guia de Turismo. Estudo e apresentação dos Agentes mercadológicos do turismo: agências, hotéis e operadoras de turismo.

**CONTEÚDO ESTRUTURANTE**

**CONTEÚDOS BÁSICOS**

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

<p><b>1. Profissão de Guia de Turismo</b></p>	<p>1.1. Atribuições do guia de turismo regional aplicadas no dia a dia da localidade turística 1.2. Habilidades e competências a serem desenvolvidas 1.3. Perfil profissional do guia. 1.4. Regulamentação da profissão do guia</p>
<p><b>2. Agentes mercadológicos do turismo</b></p>	<p>2.1. Cenários do Turismo Brasileiro e Mundial 2.2. Desenvolvimento de habilidades e competências do profissional Guia de Turismo face aos desafios do setor de serviços 2.3. Estrutura do mercado turístico 2.4. Guia de turismo e sustentabilidade 2.5. Importância do Guia no Turismo</p>
<p><b>3. Funções e atribuições do Guia de Turismo</b></p>	<p>3.1. <i>Check in e Check out</i> em meios de hospedagens 3.2. Documentação para viagens. 3.3. Elaborar plano de viagem. 3.4. Formatação e execução de <i>City Tour</i> 3.5. Organização de <i>Day Tour</i> 3.6. Principais funções do Guia de Turismo no dia a dia 3.7. Elaboração de relatório 3.8. Organização e/ou otimização de roteiros de turismo 3.9. Procedimento na realização de passeios/visitas 3.10. Procedimentos de bordo 3.11. Procedimentos em aeroportos 3.12. Procedimentos para traslados. 3.13. Elaboraões preliminares de viagens individuais e em grupo 3.14. Recepção ao turista 3.15. Termos técnicos do turismo 3.16. Procedimentos na realização de passeios/visitas 3.17. Procedimentos de segurança 3.18. Procedimentos no embarque/desembarque 3.19. Procedimentos em situações de emergência</p>

### BIBLIOGRAFIA

BOITEUX, Bayard do Couto. **Legislação de turismo:** tópicos de direito aplicado ao turismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, Ieda M. Andrade. **Acidentes em turismo:** prevenção e segurança. São Paulo: Férias Vivas, 2005.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

MAMEDE, Gladston. **Direito do consumidor no turismo**. São Paulo: Atlas, 2004.

RAPOSO, Alexandre. **Turismo no Brasil** – um guia para o guia. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 2002.

TAVARES, Adriana de Menezes. **City Tour**. 1º Edição. São Paulo: Editora Aleph, 2002.

VASCONCELLOS. Camilo de Mello. **Turismo e museus**. 1. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2006.

### b. Plano de Estágio NÃO OBRIGATÓRIO com Ato de Aprovação do NRE

#### 1. Identificação da Instituição de Ensino

- Nome do estabelecimento:
- Entidade mantenedora:
- Endereço (rua, n°. , bairro):
- Município:
- NRE:

#### 2. Identificação do curso

- Habilitação:
- Eixo Tecnológico:
- Carga horária total:
- Do curso: \_\_\_\_\_ horas
- Do estágio: \_\_\_\_\_ horas

#### 3. Coordenação de Estágio

- Nome do professor (es):
- Ano letivo:



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### 4. Justificativa

- Concepções (educação profissional, curso, currículo, estágio)
- Inserção do aluno no mundo do trabalho
- Importância do estágio como um dos elementos constituintes de sua formação
- O que distingue o estágio das demais disciplinas e outros elementos que justifiquem a realização do estágio

### 5. Objetivos do Estágio

### 6. Local (ais) de realização do Estágio

### 7. Distribuição da Carga Horária (por semestre, período, ...)

### 8. Atividades do Estágio

### 9. Atribuições do Estabelecimento de Ensino

### 10. Atribuições do Coordenador

### 11. Atribuições do Órgão/instituição que concede o Estágio

### 12. Atribuições do Estagiário

### 13. Forma de acompanhamento do Estágio

### 14. Avaliação do Estágio

### 15. Anexos (se houver)



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

\* O Plano de Estágio dos estabelecimentos de ensino que ofertam Cursos Técnicos deve ser analisado pelo Núcleo Regional de Educação que emitirá parecer próprio (Ofício Circular nº 047/2004 – DEP/SEED e Instrução nº 028/2010 – SUED/SEED).

### **c. Descrição das práticas profissionais previstas**

As atividades práticas caracterizam o momento em que os alunos colocarão em prática os conteúdos teóricos aprendidos em sala de aula. Neste sentido, as práticas profissionais acontecerão em aulas práticas, as quais poderão ocorrer em sala de aula, laboratórios, eventos, visitas técnicas em instituições privadas e órgãos públicos ligados ao turismo e à hospitalidade, viagens técnicas, e no estágio supervisionado.

As viagens técnicas serão programadas pelos alunos sob a supervisão dos professores. Essas serão voltadas para o conhecimento de municípios com importância turística significativa. O aluno deverá realizar obrigatoriamente três viagens técnicas, sendo pelo menos uma delas com pernoite, em cumprimento a DELIBERAÇÃO NORMATIVA Nº 427, DE 04 DE OUTUBRO DE 2001.

As práticas profissionais descritas acima serão documentadas por meio de relatórios, atas, fotografias, lista de presença, projetos, entre outros documentos comprobatórios.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### d. Matriz Curricular

MATRIZ CURRICULAR						
Instituição de ensino:						
Município:						
Forma: SUBSEQUENTE				Implantação: Implantação gradativa a partir do ano 2018		
Turno: NOTURNO				Carga horária: 1040 horas		
				Organização: Semestral		
N.	COD. SAE	DISCIPLINAS	SEMESTRES (HORA AULA)			
			1º	2º	3º	HORAS
1	724	ARTE E CULTURA POPULAR		48		48
2	2334	EMPREENDEDORISMO			32	32
3	1305	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL	32	32	32	96
4	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO		32		32
5	4942	FUNDAMENTOS DO TURISMO E DA HOSPITALIDADE	32	32		64
6	4943	GEOGRAFIA TURISTICA		48		48
7	4404	INFORMÁTICA	32			32
8	1102	INGLÊS TÉCNICO	48	48	48	144
9	423	LEGISLAÇÃO APLICADA AO TURISMO	32			32
10	4945	PATRIMÔNIO TURÍSTICO PARANAENSE	48	48	48	144
11	3255	PRIMEIROS SOCORROS			32	32
12	4935	PRINCÍPIOS DE ECOLOGIA PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE			48	48
13	2324	RELAÇÕES INTERPESSOAIS	48			48
14	190	TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO	48			48
15	4934	TEORIA E TÉCNICA PROFISSIONAL	64	64	64	192
<b>TOTAL</b>			<b>384</b>	<b>352</b>	<b>304</b>	<b>1040</b>

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### MATRIZ CURRICULAR OPERACIONAL

MATRIZ CURRICULAR									
Instituição de ensino:									
Município:									
Forma: SUBSEQUENTE				Implantação: Implantação gradativa a partir do ano 2017					
Turno: NOTURNO				Carga horária: 1040 horas					
				Organização: Semestral					
N.	COD. SAE	DISCIPLINAS	SEMESTRES						
			1º		2º		3º		
			T	P	T	P	T	P	
1	724	ARTE E CULTURA POPULAR			3				
2	2334	EMPREENDEDORISMO						2	
3	1305	ESPAÑHOL INSTRUMENTAL	2		2			2	
4	3514	FUNDAMENTOS DO TRABALHO			2				
5	4942	FUNDAMENTOS DO TURISMO E DA HOSPITALIDADE	2		2				
6	4943	GEOGRAFIA TURISTICA			3				
7	4404	INFORMÁTICA		2					
8	1102	INGLÊS TÉCNICO	3		3			3	
9	423	LEGISLAÇÃO APLICADA AO TURISMO	2						
10	4945	PATRIMÔNIO TURÍSTICO PARANAENSE	3		3			3	
11	3255	PRIMEIROS SOCORROS						1	1
12	4935	PRINCÍPIOS DE ECOLOGIA PROTEÇÃO AO MEIO AMBIENTE						3	
13	2324	RELAÇÕES INTERPESSOAIS	3						
14	190	TÉCNICAS DE COMUNICAÇÃO	3						
15	4934	TEORIA E TÉCNICA PROFISSIONAL	2	2	2	2	2	2	2
<b>TOTAL</b>			<b>20</b>	<b>4</b>	<b>20</b>	<b>2</b>	<b>16</b>	<b>3</b>	



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### e) Orientações Metodológicas

#### 1 INTRODUÇÃO

Tomando como referência as “Diretrizes Curriculares da Educação Profissional para a Rede Pública do Paraná”, é importante apresentar os encaminhamentos metodológicos como parte integrante do Plano de Curso do curso **Técnico em Guia de Turismo**, tanto na sua forma integrada quanto subsequente, para organização das práticas pedagógicas a serem desenvolvidas ao longo do curso.

Considerando que as ações pedagógicas dos professores de acordo com as Diretrizes supracitadas objetivam atender as necessidades dos estudantes, tendo em vista o perfil profissional, o compromisso com a formação profissional e da cidadania, a apropriação dos conhecimentos, a reflexão crítica e a autonomia, faz-se necessário assumir a concepção da Educação Profissional e seus princípios:

#### **O trabalho como princípio educativo**

O trabalho enquanto categoria ontológica explica que o homem é diferente dos outros animais, pois é por meio da ação consciente do trabalho, que o homem é capaz de criar a sua própria existência. Portanto, é na relação Homem-Homem e Homem-Natureza, que se situa a compreensão da escola politécnica na Educação Profissional.

A organização curricular integrada da Educação Profissional, considerando a categoria do TRABALHO, agrega como elementos integradores a CIÊNCIA, a CULTURA e a TECNOLOGIA, pois a:

- CIÊNCIA é produção de conhecimentos sistematizados social e historicamente pelo homem.
- CULTURA, o processo dinâmico de criação e representações sociais manifestas pelo homem por meio de símbolos.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

- TECNOLOGIA, a construção social que decorre das relações sociais, ou seja, das organizações políticas e econômicas da sociedade. A tecnologia é “mediação entre ciência (apreensão e desvelamento do real) e produção (intervenção) no real”. (RAMOS, 2004; 2005 apud BRASIL, 2007, p. 44).

Essas dimensões articuladas devem promover o equilíbrio entre atuar praticamente e trabalhar intelectualmente.

Assim, o tratamento metodológico deve privilegiar a relação entre teoria e a prática e entre a parte e a totalidade, fazendo com que haja integração entre os conteúdos nas dimensões disciplinar e interdisciplinar.

### O princípio da integração

A integração é o princípio norteador da práxis pedagógica na Educação Profissional e articula as dimensões disciplinar e interdisciplinar

Disciplinar significa os campos do conhecimento que podemos reconhecê-los como sendo os conteúdos que estruturam o currículo – conteúdos estruturantes.

As disciplinas, por sua vez, são os pressupostos para a interdisciplinaridade, na medida em que as relações que se estabelecem por meio dos conceitos da relação teoria e prática extrapolam os muros da escola e, permitem ao estudante a compreensão da realidade e dos fenômenos inerentes a ela para além das aparências.

Assim, os encaminhamentos metodológicos exigem uma organização dos conteúdos que permita aos estudantes se apropriarem dos conceitos fundamentais das disciplinas no contexto da interdisciplinaridade e da integração.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### 2 ENCAMINHAMENTOS METODOLÓGICOS

Os encaminhamentos metodológicos devem considerar os princípios e concepção da integração, na perspectiva de garantir uma formação politécnica aos estudantes da Educação Profissional.

A politecnia nesse contexto significa dominar os princípios da ciência e as suas diferentes técnicas, no contexto do processo produtivo – TRABALHO, e não no seu sentido restrito do conjunto de muitas técnicas.

Nesse sentido, a intervenção do professor por meio do ato de ensinar deve ser intencional na medida em que ele se compromete com uma educação de qualidade e uma formação profissional para o mundo do trabalho. Assim, é importante ressaltar também o papel da escola e, para tanto, o reafirmamos com Libâneo:

[...] a escola tem, pois o compromisso de reduzir a distância entre a ciência cada vez mais complexa e a cultura de base produzida no cotidiano, e a provida pela escolarização. Junto a isso tem também o compromisso de ajudar os alunos a tornarem-se sujeitos presentes, capazes de construir elementos categoriais de compreensão e apropriação crítica da realidade (LIBÂNEO, 1998, p. 9).

Os conteúdos aqui mencionados não são quaisquer conteúdos, trata-se dos “conhecimentos construídos historicamente e que se constituem, para o trabalhador, em pressupostos a partir dos quais se podem construir novos conhecimentos no processo investigativo e compreensão do real.” (RAMOS, 2005, p.107).

Portanto, como **encaminhamentos metodológicos** indicam-se as proposições apontadas por Marise Ramos:

#### **a) Problematização dos Fenômenos**

Trata-se de usar a metodologia da problematização, no sentido de desafiar os estudantes a refletirem sobre a realidade que os cerca na

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

perspectiva de buscar soluções criativas e originais para os problemas que se apresentam a respeito dessa realidade:

*Problematizar fenômenos – fatos e situações significativas e relevantes para compreendermos o mundo em que vivemos, bem como processos tecnológicos da área profissional para a qual se pretende formar [...] **como ação prática.***

Isso significa:

- Elaborar questões sobre os fenômenos, fatos e situações.
- Responder às questões elaboradas à luz das teorias e conceitos já formulados sobre o(s) objeto(s) estudados – conteúdos de ensino.

### b) Explicação de Teorias e Conceitos

A partir de uma situação problema indicada para reflexão, análise e solução, deixar claro para os estudantes quais conceitos e quais teorias dão suporte para a apreensão da realidade a ser estudada:

*Explicitar teorias e conceitos fundamentais para a compreensão do(s) objetivo(s) estudados nas diversas perspectivas em que foi problematizada.*

Nesse sentido, é importante:

- Localizá-los nos respectivos campos da ciência (áreas do conhecimento, disciplinas científicas e/ou profissionais).
- Identificar suas relações com outros conceitos do mesmo campo (disciplinaridade) e de campos distintos do saber (interdisciplinaridade).

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### c) Classificação dos Conceitos–Conhecimentos

Os “conhecimentos desenvolvidos na perspectiva da sua utilização pelas pessoas são de **formação geral** e fundamentam quaisquer **conhecimentos específicos** desenvolvidos com o objetivo de formar profissionais”.

*Situar os conceitos como conhecimentos de formação geral e específica, tendo como referência a base científica dos conceitos e sua apropriação tecnológica, social e cultural.*

Nessa dimensão, estarão os conhecimentos que, uma vez apropriados, permitem às pessoas formularem, agirem, decidirem frente a situações próprias de um processo produtivo. Esses conhecimentos correspondem a desdobramentos e aprofundamentos conceituais restritos em suas finalidades e aplicações, bem como as técnicas procedimentais necessárias à ação em situações próprias a essas finalidades.

### d) Organização dos Componentes Curriculares e as Práticas Pedagógicas

As opções pedagógicas implicam em redefinir os processos de ensino, pensando no sujeito que aprende (estudante) de modo a considerar a realidade objetiva (totalidade histórica).

*Organizar os componentes curriculares e as práticas pedagógicas, visando a corresponder, nas escolhas, nas relações e nas realizações, ao pressuposto da totalidade do real como síntese das múltiplas determinações.*

São ações pedagógicas no contexto dos processos de ensino

- *Proposições de desafios e problemas.*
- *Projetos que envolvam os estudantes, no sentido de apresentar ações resolutivas – projetos de intervenção.*

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

- *Pesquisas e estudos de situações na perspectiva de atuação direta na realidade.*

Os pressupostos que dão suporte ao currículo ancorado nos encaminhamentos metodológicos apresentados, de fato, se diferenciam de um currículo que tem como referência a reprodução de atividades na perspectiva do currículo tradicional que cinde com o princípio da integração. (RAMOS, 2005, p.122)

## REFERÊNCIAS

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, Para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

MACHADO, Lucília Regina de Souza. Diferenciais inovadores na formação de professores para a educação especial. In: **Revista Brasileira de Educação profissional e tecnológica**. Brasília: MEC, SETEC, 2008.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes da Educação Profissional: fundamentos políticos e pedagógicos. Curitiba: SEED/PR, 2006.

\_\_\_\_\_. **Orientações Curriculares para o Curso de Formação de Docentes da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, em Nível Médio na Modalidade Normal**. Curitiba: SEED/ PR, 2014.

RAMOS, Marise Nogueira. O projeto de ensino médio sob os princípios do trabalho, da ciência e da cultura. In: FRIGOTTO, G. e CIAVATTA, M. **Ensino Médio: ciência, cultura e trabalho**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2004.

\_\_\_\_\_. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. (org.) **Ensino Médio Integrado: concepção e contradições**. Concepção do Ensino Médio Integrado, São Paulo: Cortez, 2007. Disponível em:  
< [http://www.iiep.org.br/curriculo\\_integrado.pdf](http://www.iiep.org.br/curriculo_integrado.pdf)>. Acesso em 20/07/2015.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### IX – SISTEMA DE AVALIAÇÃO E CRITÉRIOS DE APROVEITAMENTO DE CONHECIMENTOS, COMPETÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ANTERIORES

#### 1 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

##### 1.1 DA CONCEPÇÃO

Os pressupostos apontados pela legislação indicam uma concepção de avaliação ancorada nos princípios da educação politécnica e omnilateral, que considera o sujeito da aprendizagem um ser histórico e social, capaz de intervir na realidade por meio dos conhecimentos apropriados no seu percurso formativo.

Sendo assim, se a Educação Profissional se pauta no princípio da integração, não se pode e não se deve avaliar os estudantes de forma compartimentalizada. Formação integral significa pensar o sujeito da aprendizagem “por inteiro”, portanto avaliação contextualizada na perspectiva da unidade entre o planejamento e a realização do planejado. Nesse sentido, a avaliação da aprendizagem é parte integrante da prática educativa social.

Além do princípio da integração, a avaliação da aprendizagem nessa concepção, ancora-se também nos princípios do TRABALHO, numa perspectiva criadora ao possibilitar o homem trabalhar com o novo, construir, reconstruir, reinventar, combinar, assumir riscos, após avaliar, e, da CULTURA, pois adquire um significado cultural na mediação entre educação e cultura, quando se refere aos valores culturais e à maneira como são aceitos pela sociedade.

A sociedade não se faz por leis. Faz-se com homens e com ciência. A sociedade nova cria-se por intencionalidade e não pelo somatório de improvisos individuais. E nessa intencionalidade acentua-se a questão: A escola está em crise porque a sociedade está em crise. Para entender a crise da escola, temos que entender a crise da sociedade. E para se entender a crise da sociedade tem-se que entender da sociedade não apenas de rendimento do aluno em sala de aula. Expandem-se, assim, as fronteiras de exigência para os homens, para os professores; caso os mesmos queiram dar objetivos



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

sociais, transformadores à educação, ao ensino, à escola, à avaliação (NAGEL, 1985, p. 30).

Nessa perspectiva, a avaliação revela o seu sentido pedagógico, ou seja, revela os resultados das ações presentes, as possibilidades das ações do futuro e as práticas que precisam ser transformadas.

### 1.2 DAS DIMENSÕES

A partir da concepção de avaliação anteriormente apresentada, decorrem as práticas pedagógicas, em uma perspectiva de transformação, onde as ações dos professores não podem ser inconscientes e irrefletidas, mas transparentes e intencionais. Nesse sentido, apresentam-se as três dimensões da avaliação que atendem esses pressupostos:

#### a) **Diagnóstica**

Nessa concepção de avaliação, os aspectos qualitativos da aprendizagem predominam sobre os aspectos quantitativos, ou seja, o importante é o diagnóstico voltado para as dificuldades que os estudantes apresentam no percurso da sua aprendizagem. Nesse sentido, é importante lembrar que o diagnóstico deve desconsiderar os objetivos propostos, metodologias e procedimentos didáticos.

A avaliação deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista a tomar decisões suficientes e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem. (LUCKESI, 1995, p. 81)

Nesse sentido, considerando a principal função da escola que é ensinar e, os estudantes aprenderem o que se ensina, a principal função da avaliação é, nesse contexto, apontar/indicar para o professor as condições de apropriação dos conteúdos em que os estudantes se encontram – diagnóstico.



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

De acordo com a Deliberação nº 07/99 – CEE/PR:

Art. 1º. - A avaliação deve ser entendida como um dos aspectos do ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem e de seu próprio trabalho, com as finalidades de acompanhar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem dos alunos, bem como diagnosticar seus resultados e atribuir-lhes valor.

§ 1º. - A avaliação deve dar condições para que seja possível ao professor tomar decisões quanto ao aperfeiçoamento das situações de aprendizagem.

§ 2º. - A avaliação deve proporcionar dados que permitam ao estabelecimento de ensino promover a reformulação do currículo com adequação dos conteúdos e métodos de ensino.

§ 3º. - A avaliação deve possibilitar novas alternativas para o planejamento do estabelecimento de ensino e do sistema de ensino como um todo (PARANÁ, 1999, p. 01).

Dessa forma, o professor, diante do diagnóstico apresentado, terá condições de reorganizar os conteúdos e as suas ações metodológicas, caso os estudantes não estejam aprendendo.

### **b) Formativa**

A dimensão formativa da avaliação se articula com as outras dimensões. Nesse sentido, ela é formativa na medida em que, na perspectiva da concepção integradora de educação, da formação politécnica também integra os processos de formação omnilateral, pois aponta para um aperfeiçoamento desses processos formativos seja para a vida, seja para o mundo do trabalho. Essa é a essência da avaliação formativa.

Os pressupostos colocados pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, já referenciada, indica uma concepção de educação ancorada no materialismo histórico. Isso significa que a avaliação também agrega essa concepção na medida em que objetiva que a formação dos estudantes incorpore as dimensões éticas e de cidadania. Assim, “o professor da Educação Profissional deve ser capaz de permitir que seus alunos compreendam, de forma reflexiva e crítica, os mundos do trabalho, dos objetos e dos sistemas tecnológicos dentro dos quais estes evoluem” (MACHADO, 2008, p. 18).



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

Nesse caso, a avaliação de caráter formativo permite aos professores a reflexão sobre as suas ações pedagógicas e, nesse processo formativo, replanejá-las e reorganizá-las na perspectiva da inclusão, quando acolhe os estudantes com as suas dificuldades e limitações e aponta os caminhos de superação, em um “ato amoroso” (LUCKESI, 1999, p.168).

### c) Somativa

O significado e a proposta da avaliação somativa é o de fazer um balanço do percurso da formação dos estudantes, diferentemente do modelo tradicional de caráter classificatório. O objetivo não é o de mensurar os conhecimentos apropriados, mas avaliar os itinerários formativos, na perspectiva de intervenções pedagógicas para a superação de dificuldades e avanços no processo.

Apesar de a terminologia somativa dar a ideia de “soma das partes”, na concepção de avaliação aqui apresentada, significa que, no processo avaliativo o professor deverá considerar as produções dos estudantes realizadas diariamente por meio de instrumentos e estratégias diversificadas e, o mais importante, manter a integração com os conteúdos trabalhados – critérios de avaliação.

É importante ressaltar que a legislação vigente – Deliberação nº 07/99-CEE/PR, traz no seu artigo 6º, parágrafos 1º e 2º, o seguinte:

Art. 6º - Para que a avaliação cumpra sua finalidade educativa, deverá ser contínua, permanente e cumulativa.

§ 1º – A avaliação deverá obedecer à ordenação e à sequencia do ensino aprendizagem, bem como a orientação do currículo.

§ 2º – Na avaliação deverão ser considerados os resultados obtidos durante o período letivo, num processo contínuo cujo resultado final venha incorporá-los, expressando a totalidade do aproveitamento escolar, tomando a sua melhor forma.

O envolvimento dos estudantes no processo de avaliação da sua aprendizagem é fundamental. Nesse sentido, a autoavaliação é um processo

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

muito bem aceito no percurso da avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Nele, os estudantes refletem sobre suas aprendizagens e têm condições de nelas interferirem.

### 1.3 DOS CRITÉRIOS

Critério no sentido restrito da palavra que dizer aquilo que serve de base para a comparação, julgamento ou apreciação. No entanto, no processo de avaliação da aprendizagem significa os princípios que servem de base para avaliar a qualidade do ensino. Assim, os critérios estão estritamente integrados aos conteúdos.

Para cada conteúdo elencado, o professor deve ter a clareza do que efetivamente deve ser trabalhado. Isso exige um planejamento cuja organização contemple todas as atividades, todas as etapas do trabalho docente e dos estudantes, ou seja, em uma decisão conjunta todos os envolvidos com o ato de educar apontem, nesse processo, o que ensinar, para que ensinar e como ensinar.

Portanto, estabelecer critérios articulados aos conteúdos pertinentes às disciplinas é essencial para a definição dos instrumentos avaliativos a serem utilizados no processo ensino e aprendizagem. Logo, estão critérios e instrumentos intimamente ligados e deve expressar no Plano de Trabalho Docente a concepção de avaliação na perspectiva formativa e transformadora.

### 1.4 DOS INSTRUMENTOS

Os instrumentos avaliativos são as formas que os professores utilizam no sentido de proporcionar a manifestação dos estudantes quanto a sua aprendizagem. Segundo LUCKESI (1995, p.177, 178, 179), devem-se ter alguns cuidados na operacionalização desses instrumentos, quais sejam:

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

1. ter ciência de que, por meio dos instrumentos de avaliação da aprendizagem, estamos solicitando ao educando que manifeste a sua intimidade (seu modo de aprender, sua aprendizagem, sua capacidade de raciocinar, de poetizar, de criar estórias, seu modo de entender e de viver, etc.);
2. construir os instrumentos de coleta de dados para a avaliação (sejam eles quais forem), com atenção aos seguintes pontos:
  - articular o instrumento com os conteúdos planejados, ensinados e aprendidos pelos educandos, no decorrer do período escolar que se toma para avaliar;
  - cobrir uma amostra significativa de todos os conteúdos ensinados e aprendidos de fato "- conteúdos essenciais;
  - compatibilizar as habilidades (motoras, mentais, imaginativas...) do instrumento de avaliação com as habilidades trabalhadas e desenvolvidas na prática do ensino aprendizagem;
  - compatibilizar os níveis de dificuldade do que está sendo avaliado com os níveis de dificuldade do que foi ensinado e aprendido;
  - usar uma linguagem clara e compreensível, para salientar o que se deseja pedir. Sem confundir a compreensão do educando no instrumento de avaliação;
  - construir instrumentos que auxiliem a aprendizagem dos educandos, seja pela demonstração da essencialidade dos conteúdos, seja pelos exercícios inteligentes, ou pelos aprofundamentos cognitivos propostos.
3. [...] estarmos atentos ao processo de correção e devolução dos instrumentos de avaliação da aprendizagem escolar aos educandos:
  - a) quanto à correção: não fazer espalhafato com cores berrantes;
  - b) quanto à devolução dos resultados: o professor deve, pessoalmente, devolver os instrumentos de avaliação de aprendizagem aos educandos, comentando-os, auxiliando-os a se autocompreender em seu processo pessoal de estudo, aprendizagem e desenvolvimento.

### 1.5 DO SISTEMA DE AVALIAÇÃO

Em atendimento às Diretrizes para Educação Profissional, definidas pela Resolução nº 06/2012 – CNE/CEB, conforme o artigo 34 a seguir:

A avaliação da aprendizagem dos estudantes visa à sua progressão para o alcance do perfil profissional de conclusão, sendo contínua e cumulativa, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos, bem como dos resultados ao longo do processo sobre os de eventuais provas finais.

Diante do exposto, a avaliação será entendida como um dos aspectos de ensino pelo qual o professor estuda e interpreta os dados da aprendizagem dos estudantes e das suas ações pedagógicas, com as finalidades de



## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

acompanhar, diagnosticar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem em diferentes situações metodológicas.

A avaliação será expressa por notas, sendo a mínima para aprovação – 6,0 (seis vírgula zero), conforme a legislação vigente.

### Recuperação de Estudos

De acordo com a legislação vigente, o aluno cujo aproveitamento escolar for insuficiente será submetido à recuperação de estudos de forma concomitante ao período letivo.

#### 1.6 DO APROVEITAMENTO DE ESTUDOS

##### a) Critérios

O aproveitamento de conhecimentos e experiências anteriores deverá constar no Projeto Político-Pedagógico e no Regimento Escolar e ocorrerá nos termos do art. 52 da Deliberação nº 05/13 – CEE/PR, que assim determina:

**Art. 52.** A instituição de ensino poderá aproveitar estudos, mediante avaliação de competências, conhecimentos e experiências anteriores, desde que diretamente relacionados com o perfil profissional de conclusão do respectivo Curso Técnico de Nível Médio e tenham sido adquiridos: I – no Ensino Médio; II – em habilitações profissionais e etapas ou módulos em nível técnico, regularmente concluídos nos últimos cinco anos em outros cursos de Educação Profissional Técnica de Nível Médio; III – em cursos destinados à formação inicial e continuada ou qualificação profissional de, no mínimo, 160 horas de duração, mediante avaliação específica; IV – em outros cursos de Educação profissional e Tecnológica, inclusive no trabalho, por outros meios informais ou até mesmo em cursos superiores de graduação, mediante avaliação do estudante; V – por reconhecimento, em processos formais de certificação profissional, realizado em instituição devidamente credenciada pelo órgão normativo do respectivo sistema de ensino ou no âmbito de sistemas nacionais de certificação profissional; VI – em outros países. Parágrafo único. A Avaliação, para fins de aproveitamento de estudos será realizada conforme critérios estabelecidos no Projeto Político-Pedagógico, no Plano de Curso e no Regimento Escolar.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### b) Solicitação e Avaliação

- O interessado deverá solicitar o aproveitamento de estudos mediante preenchimento de requerimento na Instituição de Ensino em que estiver matriculado, considerando o perfil profissional do respectivo curso técnico de nível médio e a indicação dos cursos realizados, anexando fotocópia de comprovação de todos os cursos ou conhecimentos adquiridos.
- A direção da Instituição de Ensino deverá designar uma comissão de professores, do curso técnico, para análise da documentação apresentada pelo aluno e, posterior, emissão de parecer.
- Havendo deferimento, a comissão indicará os conteúdos (disciplinas) que deverão ser estudados pelo aluno a fim de realizar a avaliação, com data, hora marcada e professores escalados para aplicação e correção.
- Para efetivação da legalidade do aproveitamento de estudos será lavrada ata constando o resultado final da avaliação e os conteúdos aproveitados, na forma legal e pedagógica.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução nº 06/2012**. Brasília: MEC, 2012.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A Avaliação da Aprendizagem Escolar**: estudos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NAGEL, Lizia Helena. **Avaliação, Sociedade e Escola**: fundamentos para reflexão. Curitiba: Secretaria de Estado da Educação-SEED/PR, 1985.

PARANÁ. Conselho Estadual de Educação do Paraná. **Deliberação nº 07/1999**. Curitiba: CEE-PR, 1999.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes da Educação Profissional**: fundamentos políticos e pedagógicos. Curitiba: SEED/ PR, 2006.

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

### X – ARTICULAÇÃO COM O SETOR PRODUTIVO

A articulação com o setor produtivo estabelecerá uma relação entre o estabelecimento de ensino e instituições que tenham relação com o Curso Técnico em Guia de Turismo, nas formas de entrevistas, visitas, palestras, reuniões com temas específicos com profissionais das Instituições conveniadas.

**Anexar os termos de convênio firmados com empresas e outras instituições vinculadas ao curso.**

### XI – PLANO DE AVALIAÇÃO DO CURSO

O Curso será avaliado com instrumentos específicos, construídos pelo apoio pedagógico do estabelecimento de ensino para serem respondidos (amostragem de metade mais um) por alunos, professores, pais de alunos, representante(s) da comunidade, conselho escolar, APMF.

Os resultados tabulados serão divulgados, com alternativas para solução.

### XII – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE CURSO:

**Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.**

### XIII – RECURSOS MATERIAIS

- a. **Biblioteca:** (em espaço físico adequado e relacionar os itens da bibliografia específica do curso, conter quantidade)
- b. **Laboratório:** indicar o(s) laboratório(s) de Informática e o(s) específico(s) do curso
- c. **Instalações Físicas:** indicar as outras instalações da instituição e ensino, observando os espaços (iluminação, aeração,

## PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE

acessibilidade) e os mobiliários adequados a cada ambiente e ao desenvolvimento do curso

- d. **Equipamentos:** relacionar os equipamentos e materiais essenciais ao curso

### XIV – INDICAÇÃO DE PROFISSIONAL RESPONSÁVEL PELA MANUTENÇÃO E ORGANIZAÇÃO DO LABORATÓRIO (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica.

### XV – INDICAÇÃO DO COORDENADOR DE ESTÁGIO – (quando for o caso)

Deverá ser graduado com habilitação específica e experiência comprovada.

### XVI – RELAÇÃO DE DOCENTES

Deverão ser graduados com habilitação e qualificação específica nas disciplinas para as quais forem indicados anexando documentação comprobatória.

### XVII – CERTIFICADOS E DIPLOMAS

- a. **Certificação:** Não haverá certificados no Curso Técnico em Guia de Turismo, considerando que não há itinerários alternativos para qualificação.
- b. **Diploma:** Ao concluir o Curso Técnico em Guia de Turismo conforme organização curricular aprovada, o aluno receberá o Diploma de Técnico em Guia de Turismo.

### XVIII – CÓPIA DO REGIMENTO ESCOLAR E/OU ADENDO COM O RESPECTIVO ATO DE APROVAÇÃO DO NRE



Secretaria de Estado da Educação  
Superintendência da Educação  
Departamento de Educação e Trabalho



## **PLANO DE CURSO TÉCNICO EM GUIA DE TURISMO SUBSEQUENTE**

**(A finalidade é constatar as normas do curso indicado no Plano)**

**XIX – ANUÊNCIA DO CONSELHO ESCOLAR DO ESTABELECIMENTO  
MANTIDO PELO PODER PÚBLICO**

**(ATA OU DECLARAÇÃO COM ASSINATURAS DOS MEMBROS)**

**XX - PLANO DE FORMAÇÃO CONTINUADA (DOCENTES)**

**(O estabelecimento deverá descrever o plano de formação  
continuada)**